

A CROWNS OF NYAXIA NOVEL



THE  
& SERPENT  
THE WINGS  
OF NIGHT

THE NIGHTBORN DUET BOOK ONE  
CARISSA BROADBENT

THE  
& SERPENT  
THE WINGS  
OF NIGHT



A CROWNS OF NYAXIA NOVEL

THE NIGHTBORN DUET BOOK ONE  
CARISSA BROADBENT

Copyright © 2022 por Carissa Broadbent

Arte da capa por KD Ritchie no Storywrappers Design.

Design de capa dura sob a jaqueta por Nathan Medeiros.

Design de Interiores por Carissa Broadbent.

Edição por Noah Sky: [noahcsky@gmail.com](mailto:noahcsky@gmail.com).

Revisão por Anthony Holabird: [holabirdediting.com](http://holabirdediting.com).

Revisão por Rachel Theus-Cass.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo armazenamento de informações e sistemas de recuperação, sem permissão por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

**Nota do autor:**

*Este livro contém assuntos que podem ser difíceis para alguns leitores, incluindo violência, tortura (fora da página), flashback de estupro (consentimento retirado), automutilação, abuso emocional, escravidão e referências a abuso sexual.*



# CONTEÚDO

## Prólogo I.

\_\_\_\_\_

Crepúsculo \_\_\_\_\_

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3. Capítulo 4

## II. Lua cheia

Interlúdio

capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

## III. Interlúdio da Lua

Minguante

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

## 4. interlúdio meia

lua \_\_\_\_\_

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

[Capítulo 30](#)

[V. Lua Crescente](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[VI. Lua Nova](#)

[Interlúdio](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[VII. Noite](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Nota do autor](#)

[Também por Carissa Broadbent](#)

[Glossário de termos](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

## PRÓLOGO

**T** O rei não sabia então que seu maior amor também seria sua ruína - nem que viria na forma de uma pequena e indefesa criança humana.

Ela era uma vibração solitária de vida em uma extensão infinita de decadência, a única mortal viva em cem milhas. A criança tinha talvez quatro anos, talvez oito - era difícil dizer, porque ela era tão, tão pequena, mesmo para os padrões humanos. Apenas uma criaturinha frágil com cabelo preto liso que cobria grandes olhos cinzentos.

Em algum lugar, enterrado sob vigas carbonizadas e pedras desmoronadas, a família da garota provavelmente estava esmagada além do reconhecimento. Ou talvez seus corpos devastados tivessem sido deixados do lado de fora durante a noite, levados por predadores exatamente como os que perseguiram a criança agora, olhando para ela com o interesse que um falcão tem por um coelho.

Os humanos, é claro, não eram nada além disso neste mundo - presas, pragas ou frequentemente ambos.

Os três homens alados aterrissaram antes dela, sorrindo de sua sorte. Imediatamente, a menina lutou contra os escombros que a prenderam. Ela reconheceu o que eles eram - reconheceu seus dentes pontiagudos e asas negras e sem penas, e talvez ela até reconhecesse os uniformes que eles usavam, o roxo profundo do Hiaj Nightborn King. Talvez os homens que queimaram sua casa tivessem usado uniformes como estes.

Mas ela não podia correr. Suas roupas estavam rasgadas e irremediavelmente emaranhadas no ruínas ao seu redor. Ela era muito pequena para mover as pedras.

"Veja isso. Um cordeirinho. Os homens se aproximaram. Quando um deles estendeu a mão para ela, ela rosou para ele, prendendo as pontas dos dedos entre os dentes pequenos e rombudos.

O soldado sibillou e puxou a mão, enquanto seus companheiros riam.

"Um cordeiro? Mais como uma víbora.

“Ou uma cobra de jardim”, outro zombou.

O soldado mordido esfregou a mão, enxugando algumas gotas de preto carmesim. Ele partiu para a criança. “Não importa,” ele resmungou. “Eles têm o mesmo gosto. E não sei quanto a vocês, bastardos, mas estou com fome depois de uma noite tão longa.

Mas então uma sombra caiu sobre todos eles.

Os homens pararam. Eles baixaram as cabeças em reverentes reverências. O ar frio estremeceu, a escuridão girando em torno de seus rostos e asas como uma lâmina acariciando uma garganta.

O rei Hiaj não pronunciou uma única palavra. Ele não precisava. No momento em que ele fez sua presença conhecida, todos os seus guerreiros ficaram em silêncio.

Ele não era o vampiro fisicamente mais forte. Ele não era o guerreiro mais feroz nem o sábio mais sábio. Mas eles disseram que ele foi abençoado pela própria deusa Nyaxia, e qualquer um que o conhecesse juraria que era verdade. O poder escoou de todos os seus poros, e a morte manchou cada respiração.

Seus soldados não disseram nada enquanto ele passava por cima dos destroços da pequena casa.

“Os Rishan foram erradicados da área,” um deles arriscou, após vários longos momentos. “O restante de nossos homens viajou para o norte e...”

O rei levantou a mão e o guerreiro ficou quieto.

Ele se ajoelhou diante da garotinha, que o encarou com raiva. Tão jovem, ele pensou. A vida dela, um mero punhado de anos, não era nada comparada aos séculos de existência dele. E, no entanto, ela atraiu um ódio tão intenso quando ela olhou para ele, seus olhos tão brilhantes e prateados quanto a lua.

"Ela foi encontrada aqui?" perguntou o rei.

"Sim senhor."

"Ela é a razão do sangue em sua mão?"

Uma onda de risadinhas mal contidas dos outros soldados.

"Sim senhor." A resposta foi um pouco tímida.

Eles pensaram que ele estava zombando deles. Não. Isso não tinha nada a ver com eles.

Ele estendeu a mão para a garota, e ela estalou para ele. Ele a deixou morder - não moveu a mão, mesmo quando os dentes dela, minúsculos como eram, afundaram profundamente em seu dedo indicador ossudo.

Ela o olhou diretamente nos olhos, sem piscar, e ele devolveu o olhar com crescente interesse.

Este não era o olhar de uma criança em pânico que não sabia o que estava fazendo.

Este foi o olhar de uma criatura que entendeu que ela estava enfrentando a morte si mesmo, e ainda escolheu cuspir em seu rosto.

“Uma pequena serpente,” ele murmurou.

Os homens atrás dele riram. Ele os ignorou. Não foi uma piada.

"Você está sozinho?" ele disse suavemente.

A garota não respondeu. Ela não podia falar com os dentes cravados em sua carne.

"Se você me soltar," ele disse, "eu não vou te machucar."

A garota não fez tal coisa, ainda olhando para ele enquanto sangue negro escorria por seu queixo.

O canto dos lábios do rei se curvou. "Bom. Você não deveria confiar em mim.

Ele libertou o dedo e cuidadosamente extraiu a garota dos destroços enquanto ela se debatia.

Mesmo nos espasmos de sua resistência violenta, ela estava totalmente silenciosa. E foi apenas uma vez que ele a pegou — Deusa, ela era tão leve, ele poderia tê-la segurado com uma única mão — que ele percebeu o quão ferida ela estava, sua roupa rasgada encharcada de sangue. O doce aroma penetrou em suas narinas enquanto ele a aconchegava contra seu peito. Ela oscilou no precipício da inconsciência, mas resistiu, todo o seu corpo tenso.

"Descanse, pequena serpente. Nenhum mal acontecerá a você.

Ele acariciou sua bochecha, e ela tentou morder novamente, mas uma centelha de magia arrastou a ponta dos dedos. Com aquele sussurro da noite veio um sono sem sonhos muito pesado até mesmo para esta coisinha perversa lutar.

"O que você quer que façamos com ela?" perguntou um dos soldados.

O rei passou por eles. "Nada. Eu a levarei.

Uma batida de silêncio. Embora não pudesse vê-los, o rei sabia que trocavam olhares confusos.

"Onde?" um perguntou, finalmente.

"Casa", respondeu o rei.

A criança dormia, com uma mão apertada em volta do tecido de seda da camisa do rei.

camisa - lutando ainda, dessa maneira pequena, mesmo durante o sono.

Lar. Ele a levaria para casa.

Porque o rei dos vampiros Hiaj - conquistador da House of Night, abençoado pela Deusa Nyaxia e um dos homens mais poderosos que já caminharam neste reino ou no próximo - viu um fragmento de si mesmo nesta criança. E ali, logo abaixo do punho cerrado da palma da mão dela, algo quente e agridoce se agitou em seu peito ao vê-la. Algo mais perigoso que a fome.

Centenas de anos depois, historiadores e estudiosos se lembrariam desse momento. Essa decisão que, um dia, derrubaria um império.

*Que escolha estranha, eles sussurravam. Por que ele faria isso?*

Por que de fato.

Afinal, os vampiros sabem melhor do que ninguém como é importante proteger

seus corações.

E o amor, entenda, é mais afiado do que qualquer estaca.



## CAPÍTULO UM

**EU** t começou como prática. Apenas um pequeno jogo, um pequeno exercício. Algo que eu precisava provar para mim mesmo. Eu não tinha certeza de quando isso evoluiu para o esporte - minha vergonhosa e secreta rebelião.

Alguns podem achar estúpido para mim, um ser humano, caçar à noite, quando eu estava em desvantagem considerável em comparação com minha presa. Mas era à noite que eles agiam, e eu também.

Eu me pressionei contra a parede, a adaga apertada em minhas mãos. A noite estava quente, do tipo quando o calor do sol se agarrava à umidade do ar muito depois do pôr do sol. O cheiro pairava em uma nuvem espessa e podre - comida rançosa do lixo nos becos, sim, mas também carne podre e sangue azedo. Os vampiros não se importavam em se limpar aqui, nos distritos humanos da Morada da Noite.

Os humanos deveriam estar seguros aqui, dentro dos muros do reino - cidadãos, embora inferiores, mais fracos que os Nightborn em todos os sentidos. Mas essa segunda verdade muitas vezes tornou a primeira irrelevante.

O homem era um Hiaj, suas asas dobradas perto de suas costas. Aparentemente, ele não era um grande usuário de magia, porque não os afastava para facilitar a caça. Ou talvez ele apenas gostasse do efeito que eles causavam em sua presa. Alguns deles eram vistosos assim. Eles gostavam de ser temidos.

Do telhado, observei o homem perseguir seu alvo - um garotinho, talvez com dez anos, embora pequeno devido à óbvia desnutrição. O menino estava no quintal cercado de terra de uma casa de barro, quicando uma bola contra a poeira repetidas vezes, alheio à morte rastejando sobre ele.

Era tão, tão estúpido esse garoto sair à noite sozinho. Mas, novamente, eu sabia melhor do que ninguém como crescer em perigo constante pode desgastar uma pessoa. Talvez esta família tenha mantido seus filhos dentro de casa depois de escurecer todos os dias.

dia dos últimos dez anos. Levou apenas um lapso, uma mãe distraída que se esqueceu de chamá-lo de volta, uma criança mal-humorada que não estava pronta para entrar para jantar.

Apenas uma noite na vida.

Aconteceu com tanta frequência.

Mas isso não aconteceria esta noite.

Quando o vampiro se moveu, eu também.

Desci do telhado até os paralelepípedos. Eu estava quieto, mas a audição de vampiro era impecável. O homem virou-se, cumprimentando-me com olhos gelados e lábios curvados que revelavam um brilho de marfim afiado.

Ele me reconheceu? Às vezes eles faziam. Eu não dei a este a chance.

Já era praticamente rotina. Um sistema que eu aperfeiçoei com perfeição centenas de noites como esta.

Asas primeiro. Dois golpes, um em cada, o suficiente para impedi-lo de voar. Com os vampiros Hiaj, isso era fácil. A pele membranosa era delicada como papel. Às vezes eu pegava vampiros Rishan em vez disso, e isso era um pouco mais desafiador – suas asas emplumadas eram mais difíceis de perfurar – mas eu havia refinado a técnica. Este passo foi importante, e por isso veio primeiro. Eu precisava mantê-los aqui no chão comigo. Cometi o erro de pular uma vez e quase não sobrevivi para aprender a lição.

Eu não poderia ser mais forte do que eles, então tinha que ser mais preciso. Não há tempo para erros.

O vampiro soltou um som entre um suspiro de dor e um grunhido de raiva. Meu batimento cardíaco tornou-se um tambor rápido, sangue perto da superfície da minha pele. Eu me perguntei se ele sentiu o cheiro. Passei minha vida inteira tentando esconder o rubor do meu sangue, mas agora estava feliz por isso. Isso os tornava estúpidos. Este tolo nem estava armado, mas ele ainda se jogou em mim sem se importar com o mundo.

Eu adorava - realmente, realmente adorava - quando eles me subestimavam.

Uma lâmina ao lado, abaixo das costelas. Outro na garganta. Não o suficiente para matar. O suficiente para fazê-lo vacilar.

Eu o empurrei contra a parede, uma lâmina espetando-o para mantê-lo quieto. Eu cobri as bordas com Dhaivinth – um parálitico de ação rápida, potente, embora de vida curta. Só funcionaria por alguns minutos, mas era tudo o que eu precisava.

Ele só conseguiu fazer alguns arranhões na minha bochecha com dedos afiados antes de seus movimentos começarem a enfraquecer. E quando eu vi seus olhos piscarem rápido, como se ele estivesse tentando acordar, eu ataquei.

*Você tem que empurrar com força para passar pelo esterno.*

Eu fiz - forte o suficiente para quebrar o osso, para abrir a passagem para seu coração. Vampiros eram mais fortes do que eu em todos os sentidos – seus corpos eram mais musculosos, movimentos mais rápidos, dentes mais afiados.

Mas seus corações eram tão suaves.

No momento em que minha lâmina perfurou o peito deles, sempre ouvi a voz de meu pai.

*Não desvie o olhar, pequena serpente,* Vincent sussurrou em meu ouvido.

Eu não. Não então, e não agora. Porque eu sabia o que veria lá na escuridão. Eu sabia que veria o lindo rosto de um garoto que eu amei muito, e exatamente como ele parecia quando minha faca deslizou em seu peito.

Vampiros eram filhos da deusa da morte. Então foi um pouco engraçado para mim que eles temiam isso tanto quanto os humanos. Eu os observei todas as vezes e vi o terror se instalar em seus rostos quando perceberam que estava vindo para eles.

Pelo menos nisto éramos iguais. Pelo menos somos todos covardes no final.

O sangue de vampiro era mais escuro que o sangue humano. Quase preto, como se escurecido camada sobre camada pelo sangue humano e animal consumido ao longo dos séculos. Assim que deixei o vampiro cair, fiquei coberto por ele.

Afastei-me do corpo. Foi só então que vi a família olhando para mim - fiquei quieto, mas não o suficiente para evitar ser notado quando estava praticamente na porta deles. O menino agora estava apertado nos braços da mãe. Um homem também estava com eles, e outra criança, uma menina mais nova. Eram magros, com roupas simples e puídas, manchadas por longos dias de trabalho. Todos os quatro estavam parados na porta, os olhos fixos em mim.

Eu congelei, como um cervo pego por um rastreador na floresta.

Estranho, foram esses humanos famintos, não o vampiro, que me transformaram de caçadora em caçada.

Talvez fosse porque quando eu estava com vampiros, eu sabia o que eu era. Mas quando olhei para esses humanos, as linhas ficaram borradas e mal definidas - como se eu estivesse observando um reflexo distorcido de mim mesmo.

Ou talvez eu fosse o reflexo.

Eles eram como eu. E, no entanto, não consegui encontrar nada em comum entre nós. Imaginei que, se abrisse a boca para falar com eles, não entenderíamos nem os barulhos que o outro fazia. Pareciam animais para mim.

A triste verdade era que talvez uma parte de mim estivesse enojada com eles, da mesma forma que eu estava enojado com todas as minhas próprias falhas humanas. E ainda outra parte de mim - talvez a parte que lembrava que já havia morado em uma casa como esta - ansiava por se aventurar mais perto.

Eu não faria isso, claro.

Não, eu não era um vampiro. Isso estava abundantemente claro, a cada segundo de cada dia. Mas eu também não era um deles.

Um choque de frio atingiu minha bochecha. Eu toquei e meus dedos voltaram molhados. Chuva.

As gotas interromperam nosso silêncio ofegante. A mulher deu um passo à frente, como se para dizer alguma coisa, mas eu já havia deslizado de volta para as sombras.



NÃO RESISTI ao desvio. Normalmente, eu teria escalado o castelo diretamente para o meu quarto nas torres ocidentais. Em vez disso, subi para o leste, pulando os muros do jardim e indo para os aposentos dos empregados. Deslizei pela janela, que dava para um arbusto enorme de flores azul-índigo que se tornavam prateadas ao luar. Assim que meus pés tocaram o chão, amaldiçoei, quase caindo quando o que parecia ser uma pilha de tecido líquido deslizou sob minhas botas sobre a madeira lisa.

A risada soou como o grasnido de um corvo, transformando-se rapidamente em uma cacofonia de tosses.

“Seda,” a velha resmungou. “A melhor armadilha para pequenos ladrões.”

“Este lugar é um desastre do caralho, Ilana.”

“Bah.” Ela dobrou a esquina e olhou para mim com os olhos semicerrados, dando uma tragada profunda e ruidosa em seu charuto e deixando a fumaça sair pelo nariz. Ela estava vestida com chiffon em cascata tingido em ondas de cor. Cabelos com mechas pretas e grisalhas empilhados no alto da cabeça com um volume admirável. Pingentes de ouro pendiam de cada lóbulo da orelha, e seus olhos enrugados eram pintados com tons de azul acinzentado e um forro generoso de kohl.

Seu apartamento era tão colorido e caótico quanto ela – roupas, joias e tintas brilhantes espalhadas por todas as superfícies. Eu tinha entrado pela janela da sala, que agora fechei para proteger da chuva. O lugar era minúsculo, mas muito melhor do que as favelas de barro em ruínas no distrito humano.

Ela me olhou de cima a baixo, esfregando o pescoço. “Não aceito críticas de um rato afogado como você.”

Olhei para mim mesma e empalideci. Só agora, à luz quente da lanterna, percebi como eu era uma bagunça.

“Você nunca imaginaria que é bonita por baixo de tudo isso, Oraya”, continuou ela.

“Determinou-se a tornar-se o menos atraente possível. O que me lembra! Eu tenho algo para você. Aqui.”

Com mãos nodosas e artríticas, ela vasculhou uma pilha amassada ao seu lado,

então jogou um punhado de tecido pela sala para mim. "Pegar."

Eu o peguei em meu punho, então o desdobrei. A faixa de seda era quase tão longa quanto eu era alta e tinha um tom violeta profundo deslumbrante com bordas bordadas em ouro.

"Me fez pensar em você." Ilana encostou-se no batente da porta e pegou outra tragada de seu charuto.

Eu não perguntei onde ela tinha conseguido algo assim. A idade não tornou seus dedos menos hábeis - ou pegajosos.

"Você deveria mantê-lo. Eu não uso esse tipo de coisa. Você sabe disso."

No dia a dia, eu usava apenas roupas pretas e lisas que atraíam pouca atenção e me permitiam liberdade de movimento. Nunca usei nada brilhante (pois atrairia olhos indesejados), fluido (pois permitiria que alguém me agarrasse) ou restritivo (pois impediria minha capacidade de lutar ou fugir). Eu usava minhas roupas de couro a maior parte do tempo, mesmo no calor opressivo do verão. Eles eram protetores e discretos.

Claro, talvez eu admirasse coisas bonitas tanto quanto qualquer outra. Mas eu estava cercado por predadores. A vaidade vinha depois da sobrevivência.

Ilana zombou. "Eu sei que você também adora, rato. Mesmo se você estiver com muito medo de usá-los. Maldita vergonha. A juventude é desperdiçada nos jovens. Beleza também. É uma boa cor para você. Dance nua em seu quarto com ele, pelo que me importa.

Minha sobrancelha arqueou enquanto eu olhava seu tesouro de cores. "É isso que você faz com o seu?"

Ela piscou. "Tudo isso e muito mais. E não finja que não sabe também.

Ilana nunca tinha estado no meu quarto, mas ela me conhecia bem o suficiente para saber que eu tinha, de fato, uma única gaveta cheia de bijuterias coloridas que colecionei ao longo dos anos. Coisas que eram ostensivas demais para usar nesta vida, mas que, talvez, eu poderia sonhar em usar em outra.

Por mais que eu tentasse explicar para ela, Ilana não entendeu minha cautela. Ela deixou claro várias vezes que estava *acabada* - "*Feita!*" ela proclamou - com cautela.

Sinceramente, não sabia como o velho morcego havia sobrevivido por tanto tempo, mas fiquei grato por isso. Os humanos que eu tinha visto nas favelas esta manhã não eram nada parecidos comigo, e os vampiros que me cercavam menos ainda. Apenas Ilana ficou em algum lugar no meio, assim como eu.

Embora por razões muito diferentes.

Eu fui criado neste mundo, mas Ilana se juntou a ele por vontade própria dez anos atrás. Quando adolescente, eu era fascinado por ela. Eu tinha conhecido alguns outros humanos. Eu não percebi então que Ilana era, mesmo entre os humanos, um tanto... única.

Ilana tocou seu pescoço novamente. Percebi que o pano apertado em seu punho não era

vermelho, ou pelo menos não tinha começado assim. Eu me aproximei e notei as feridas em sua garganta - três conjuntos de dois. Em seguida, a bandagem em seu pulso, que cobria Nyaxia - sabe quantos mais.

Meu rosto deve ter mudado, porque ela soltou outra risada.

"Um grande jantar hoje à noite", disse ela. "Fui bem pago para isso. pago, para ter homens bonitos chupam meu pescoço a noite toda. Meu eu mais jovem ficaria emocionado.

Eu não consegui nem abrir um sorriso.

Sim, eu não fazia ideia de como Ilana sobreviveu por tanto tempo. A maioria dos vendedores voluntários de sangue humano — que eram poucos — foi morta um ano depois de seu trabalho. Eu sabia muito bem quão pouco autocontrole os vampiros tinham quando a fome estava envolvida.

Algumas coisas Ilana e eu nunca concordaríamos.

"Eu não estarei por aqui por um tempo," eu disse, mudando de assunto. "Eu só queria avisá-lo, para que não se preocupe.

O rosto de Ilana ficou imóvel. Mesmo na penumbra, eu a vi em dois tons pálidos.

"Aquele bastardo. Você está fazendo isso.

Eu não queria ter essa conversa, mesmo sabendo que isso aconteceria.

"Você deveria pensar em deixar o centro da cidade temporariamente", continuei.

"Indo para os distritos. Eu sei que você odeia, mas pelo menos lá..."

"Foda-se isso."

"É o Kejari, Ilana. Não é seguro aqui para você. Para qualquer humano fora do distrito protegido.

"*"Distrito protegido."* Essas favelas. Há uma razão pela qual eu saí. Eles cheiram a miséria. Seu nariz enrugou. "Infelicidade e mijo."

"É seguro."

Não perdi a ironia de dizer isso quando estava coberto de sangue depois voltando daquele lugar.

"Bah. A segurança é superestimada. Que tipo de vida é essa? Você quer que eu saia quando o evento mais emocionante em dois séculos está prestes a acontecer na minha porta? Não querida. Eu não estou fazendo isso.

Eu disse a mim mesmo que ficaria calmo - sabia que Ilana iria provavelmente não me ouvir. Ainda assim, não consegui esconder a frustração em minha voz.

"Você está sendo tolo. São apenas alguns meses. Ou mesmo alguns dias! Se você íamos sair só para a inauguração..."

"*"Tolice!"*" ela cuspiu. "É *ele* que está falando? É assim que ele te chama, sempre que você quer fazer algo fora do controle dele?"

Deixei escapar um suspiro por entre os dentes cerrados. Sim, Vincent me *chamaria* de tolo se eu me recusasse a me proteger sem um bom motivo. E ele estaria certo para isso,

também.

O distrito humano pode ser uma favela, mas pelo menos os humanos lá tinham o verniz de proteção. Aqui? Eu não sabia o que aconteceria com Ilana, ou qualquer humano dentro da cidade, uma vez que o Kejari começasse. Especialmente um que já havia assinado seu sangue.

Eu tinha ouvido histórias sobre como os humanos foram usados nesses torneios. Eu não sabia o que era verdade e o que era exagero, mas eles me reviraram o estômago. Às vezes eu queria perguntar a Vincent, mas sabia que ele pensaria que eu estava preocupada comigo mesma. Eu não queria que ele se preocupasse comigo mais do que já se preocupava. E... ele não sabia exatamente o quanto Ilana e eu tínhamos ficado próximos nos últimos anos.

Havia muitas coisas que Vincent não sabia. Partes de mim que não se alinhavam com sua visão de quem eu era. Assim como havia coisas sobre mim que Ilana nunca entenderia.

Ainda assim, eu não sabia o que faria sem nenhum deles. Eu não tinha família aqui. Quem estava naquela casa comigo quando Vincent me encontrou foi morto. Se algum parente distante permanecesse, eles estariam presos em algum lugar que eu não poderia alcançar; pelo menos, não até eu ganhar o Kejari. Mas eu tinha Vincent e Ilana, e eles se tornaram tudo o que eu imaginava ser uma família, mesmo que nenhum deles pudesse entender cada parte contraditória de mim.

Agora, como a possibilidade de perder Ilana de repente parecia muito tangível, o medo apertou meu coração e se recusou a abandoná-lo.

"Ilana, por favor." Minha voz estava estranhamente sufocada. "*Por favor, apenas vá.*"

O rosto de Ilana suavizou. Ela enfiou o charuto em um cinzeiro transbordando e chegou perto o suficiente para que eu pudesse contar as rugas ao redor de seus olhos. Sua mão de couro acariciou minha bochecha. Ela cheirava a fumaça e perfume de rosa muito pungente — e sangue.

"Você é doce", disse ela. "Espinheiro, mas doce. De uma forma ácida. Como... como um abacaxi.

Apesar de mim mesmo, o canto da minha boca torceu. "Um *abacaxi*?"

Que palavra ridícula. Conhecendo-a, ela provavelmente inventou.

— Mas estou cansado, querida. Cansado de ter medo. Saí do distrito porque queria ver como era aqui, e foi exatamente uma aventura tão grande quanto pensei que seria. Eu arrisco minha vida todos os dias para estar aqui. Assim como você.

"Você não tem que ser estúpido sobre isso."

"Torna-se uma rebelião não se importar. Eu sei que você sabe disso tão bem quanto eu. Mesmo que você enfie as cores no fundo da cômoda. Ela lançou um olhar aguçado para minhas roupas manchadas de sangue. "Mesmo que você o esconda nas sombras dos becos do bairro."

“Por favor, Ilana. Apenas por uma semana, mesmo que não seja o Kejari completo. Aqui.” Eu empurrei o cachecol. “Pegue essa coisa extravagante e me dê quando você voltar, e até prometo que vou usá-la.”

Ela ficou em silêncio por um longo momento, então pegou a seda e enfiou-a em seu bolso. “Multar. Partirei pela manhã.

Deixei escapar um suspiro de alívio.

“Mas você. *Seu* rato teimoso...” Suas mãos vieram ao meu rosto, apertando minhas bochechas entre elas. “Seja cuidadoso. Não vou dar um sermão sobre o que ele está obrigando você a fazer...”

Eu me afastei de seu aperto chocantemente forte. “Ele não está me *obrigando* a fazer nada.”

“*Bah!*” Eu tinha me movido bem a tempo, porque o escárnio era tão perverso que fazia pingos de saliva voarem. “Eu não quero ver você se tornar um deles. Seria...” Sua mandíbula se fechou, e seus olhos procuraram meu rosto, uma onda de emoção intensa passando por sua expressão. “Seria chato pra *caralho*.”

Não era o que ela queria dizer, e eu sabia disso. Mas Ilana e eu tínhamos esse tipo de relacionamento. Toda a honestidade crua, toda a ternura desagradável se escondia nas coisas que não dizíamos. Assim como eu não diria em voz alta que estava competindo no Kejari, ela não diria em voz alta que temia por mim.

Ainda assim, me assustou ao vê-la à beira das lágrimas. Só agora eu realmente perceber que ela só tinha a mim. Eu, pelo menos, tinha Vincent, mas ela estava sozinha.

Meu olhar se desviou para o relógio, e eu cuspi uma maldição.

“Eu tenho que ir”, deixei escapar, recuando para a janela. “Não beba até a morte, sua velha bruxa.”

“Não se espete com esse pedaço de pau no seu traseiro,” ela retorquiu, enxugando os olhos, todos os indícios de sua vulnerabilidade anterior se foram.

*Put a velha maluca*, pensei, carinhosamente.

Abri a janela e deixei o vapor da chuva de verão atingir meu rosto. Eu não queria fazer uma pausa - algo mais pesado estava na ponta da minha língua, palavras que eu só disse em voz alta uma vez antes para alguém que merecia menos.

Mas Ilana já havia desaparecido em seu quarto. Engoli tudo o que ia dizer e voltei para a noite.

## CAPÍTULO DOIS

○ Depois que a chuva começou, veio rápido. Típico da Morada da Noite. Vincent costumava brincar, com seu jeito seco e sardônico, de que este país nunca faz nada pela metade. O sol nos agrediu com um calor implacável ou recuou completamente sob muitas camadas de nuvens escuras e cinza-avermelhadas. O ar estava árido e tão quente que você jurava que o assaria vivo, ou frio o suficiente para fazer suas juntas estalarem. Metade do tempo, a lua se escondia na névoa, mas quando era visível, brilhava como prata polida, sua luz tão intensa que fazia as depressões e colinas da areia se assemelharem às ondas do oceano - ou o que eu imaginei uma coisa pareceria.

Não chovia com frequência no reino Nightborn, mas quando chovia, era um aguaceiro.

Quando voltei para o palácio, estava ensopado. Meu caminho pela lateral do prédio foi traiçoeiro, cada aperto de pedra escorregadio e escorregadio pela água, mas não era a primeira vez que eu fazia a jornada na chuva e não seria a última. Quando finalmente saltei para meu quarto, muitos andares acima do solo, meus músculos queimaram com o esforço.

Meu cabelo estava pingando. Torci-o, espalhando uma sinfonia de gotas no banco de veludo sob a janela, e virei-me para o horizonte. Estava tão quente que a chuva formou uma nuvem prateada de vapor sobre a cidade. A vista daqui de cima era muito diferente daquela do telhado no bairro humano da cidade. Aquilo tinha sido uma extensão de blocos de argila, uma pintura de vários tons de quadrados marrons sob o luar. No coração de Sivrínaj, no entanto - no território real dos Nightborn - cada olhar transbordava de elegância suntuosa.

A vista da minha janela era um mar simétrico de curvas ondulantes. Os Nightborn tiraram sua inspiração arquitetônica do céu e da lua - metal-

cúpulas cobertas, granito polido, prata que embalava vitrais índigo. Daqui de cima, o luar e a chuva acariciavam uma extensão de platina. O terreno era tão plano que, embora Sivrinaj fosse uma cidade enorme, eu ainda conseguia vislumbrar as dunas ao longe além de seus muros.

A eternidade deu aos vampiros tantos anos para aperfeiçoar a arte da beleza negra e perigosa. Ouvi dizer que a Casa das Sombras, do outro lado do Mar de Marfim, construía seus edifícios da mesma forma que fabricava lâminas, cada castelo um intrincado conjunto de pináculos pontiagudos cobertos de hera beijada pelo sangue. Alguns diziam que a arquitetura deles era a mais requintada do mundo – mas eu não sabia como alguém poderia dizer isso se eles vissem a Morada da Noite como eu vi, desta sala. Era impressionante mesmo à luz do dia, quando ninguém aqui além de mim podia testemunhar.

Fechei cuidadosamente a janela e mal tinha acabado de trancá-la quando o batida soou na minha porta. Duas batidas, tranquilas, mas exigentes.

*Porra.*

Tive sorte de não ter chegado aqui apenas alguns minutos depois. Tinha sido arriscado sair esta noite, mas não pude evitar. Meus nervos estavam muito tensos. Minhas mãos tinham que fazer alguma coisa.

Rapidamente tirei meu casaco e o joguei em uma pilha de roupas descartadas no canto, então peguei meu roupão e o enrolei em volta de mim. Seria o suficiente para cobrir o sangue, pelo menos.

Corri pela sala e abri a porta, e Vincent não hesitou antes de entrar.

Ele deu uma olhada fria e crítica em meu quarto. “Está uma bagunça aqui.”

Agora eu sabia como Ilana se sentia. “Tive coisas maiores com que me preocupar do que limpar.”

“Manter um espaço organizado é importante para a clareza mental, Oraya.”

Eu tinha vinte e três anos e ele ainda me ensinava dessa maneira.

Toquei minha testa, como se ele tivesse acabado de me dar informações que reorganizou meu universo. “Porra. É ?”

Os olhos prateados da lua de Vincent se estreitaram para mim. “Você é um pirralho insolente, pequena serpente.”

Ele nunca souou mais afetuoso do que quando estava me insultando. Talvez significasse algo que tanto Ilana quanto Vincent embalaram sua ternura em palavras duras. Eles eram tão diferentes um do outro em todos os outros sentidos. Mas talvez este lugar nos tornasse assim. Nos ensinou a esconder o amor em arestas vivas.

Agora, por alguma razão, aquela repreensão fez meu peito apertar. Engraçado, as coisas que fazem o medo finalmente borbulhar na superfície. Eu *estava* com medo, mesmo sabendo que não devia dar voz a isso. E eu sabia que Vincent também era. Eu vi na forma como seu sorriso desapareceu quando ele olhou para mim.

Alguns podem pensar que Vincent não tinha medo de nada. Eu fiz por muito tempo. Cresci vendo-o governar — vendo-o conquistar o respeito absoluto de uma sociedade que não respeitava nada.

Ele era meu pai apenas de nome. Talvez eu não tivesse seu sangue, sua magia ou sua imortalidade. Mas eu tinha essa crueldade. Ele o cultivou em mim, um espinho de cada vez.

No entanto, à medida que envelheci, aprendi que ser implacável não era a mesma coisa que ser destemido. Eu estava com medo constantemente, assim como Vincent. O homem que não tinha medo de nada tinha medo de mim - sua filha humana criada em um mundo projetado para matá-la.

Até o Kejari. Um torneio com a capacidade de mudar tudo.

Até que ganhei, e isso me libertou.

Ou eu perdi, e isso me condenou.

Vincent piscou, e nós dois tomamos a decisão silenciosa e mútua de não verbalizar tais pensamentos. Ele me olhou de cima a baixo, como se percebesse minha aparência pela primeira vez. "Você está molhada."

"Tomei um banho."

"Antes do treino?"

"Eu precisava relaxar."

Bem, isso era verdade. Eu apenas decidi fazer isso de uma maneira muito diferente do que imersão em um banho de lavanda.

Mesmo essa declaração chegou um pouco perto de reconhecer a realidade da nossa situação para o conforto de Vincent. Sua boca se inclinou e ele passou a mão pelo cabelo loiro claro.

Sua dica. Seu único. Algo estava pesando sobre ele. Pode ser sobre mim e as provações iminentes, ou...

Não pude deixar de perguntar.

"O que?" Eu perguntei, baixinho. "Problemas com o Rishan?"

Ele ficou em silêncio.

Meu estômago caiu. "Ou a Casa de Sangue?"

*Ou ambos?*

Sua garganta balançou e ele balançou a cabeça. No entanto, esse pequeno movimento foi suficiente para confirmar minha suspeita.

Eu queria perguntar mais, mas a mão de Vincent caiu em seu quadril e percebi que ele havia trazido seu florete.

"Nosso trabalho é mais importante do que essas coisas chatas. Sempre haverá outro inimigo para se preocupar, mas você só tem esta noite. Vir."



VINCENT ERA um instrutor tão implacável quanto um governante, meticuloso e minucioso. Eu tinha me acostumado com isso, mas ainda assim, a intensidade disso me pegou desprevenido esta noite. Ele não me deu tempo para pensar ou hesitar entre os golpes. Ele usou sua arma, suas asas, toda a força de sua força - até mesmo sua magia, que raramente empregava em nossas sessões de treinamento. Era como se ele estivesse tentando me mostrar exatamente como seria se o rei dos vampiros nascidos da noite me quisesse morta.

Mas, novamente, Vincent nunca se conteve comigo. Mesmo quando eu era criança, ele nunca me deixou esquecer como a morte estava próxima. Cada hesitação era recebida com a mão dele na minha garganta – duas pontas dos dedos pressionadas na minha pele, imitando presas.

“Você está morto agora”, ele dizia. “Tente novamente.”

Eu não o deixei colocar aqueles dedos na minha garganta desta vez. Meus músculos gritaram, já cansados do meu último encontro, mas eu me esquivei de cada golpe, desviei de cada aperto, enfrentei cada golpe com o meu. E finalmente, depois de incontáveis e exaustivos minutos, eu o coloquei contra a parede, um dedo em seu peito – a ponta de minha lâmina.

“Você está morto aqui,” eu ofeguei.

E agradeço à Mãe por isso, porque eu não teria sobrevivido nem mais um segundo dessa porra de luta.

O canto do lábio de Vincent se curvou em orgulho por apenas um momento. “Eu poderia usar Asteris.”

Asteris - entre os mais poderosos dons mágicos dos vampiros Nightborn, e os mais raros. Energia pura dita ser derivada de estrelas, manifestada como luz negra ofuscante capaz de matar instantaneamente com força total. O domínio de Vincent era inigualável. Certa vez, eu o testemunhei usá-lo para destruir um prédio inteiro de rebeldes Rishan.

Vincent tentou, ao longo dos anos, me ensinar como usar magia. Eu poderia fazer algumas pequenas faíscas. Patético em comparação com a habilidade letal de um usuário de magia de vampiro - da House of Night ou qualquer outro.

Por um momento, o pensamento disso – um novo lembrete de como eu era inferior aos guerreiros que estava prestes a enfrentar – me deixou tonta. Mas afastei essa incerteza rapidamente. “Asteris não importaria se eu já tivesse matado você.”

“Você seria rápido o suficiente? Você sempre lutou para chegar ao coração.

*Você tem que empurrar com força para passar pelo eterno.*

Pisquei para afastar a memória indesejável. "Não mais."

Meu dedo ainda estava pressionado em seu peito. Eu nunca tinha certeza de quando nossas sessões de sparring terminavam, então nunca desisti antes de a partida ser marcada. Ele estava apenas a alguns centímetros de mim, a poucos centímetros da minha garganta. Eu nunca, nunca permiti que nenhum outro vampiro chegasse tão perto. O cheiro do meu sangue era avassalador para eles. Mesmo que um vampiro *quisesse* resistir - e eles raramente o faziam - eles poderiam não ser capazes de se controlar.

Vincent tinha esculpido essas lições em mim. Nunca confie. Nunca ceda. Guarde sempre o seu coração.

E quando desobedeci, paguei caro por isso.

Mas não com ele. Nunca ele. Ele havia embalado minhas feridas sangrentas inúmeras vezes sem revelar nem mesmo uma pitada de tentação. Tinha me guardado quando eu dormia.

Tinha cuidado de mim no meu ponto mais fraco.

Isso facilitou. Passei toda a minha vida com medo, sempre consciente da minha fraqueza e inferioridade, mas pelo menos eu tinha um único porto seguro.

Os olhos de Vincent procuraram meu rosto.

"Muito bem." Ele empurrou minha mão. Fui até a borda do ringue, estremecendo enquanto esfregava uma ferida que ele abriu em meu braço. Ele mal olhou para o sangue.

"Você tem que ter cuidado com isso quando está lá", disse ele. "Sangrando."

Eu enruguei meu nariz. Deusa, ele *deve* estar preocupado. Dizendo-me essas coisas básicas. "Eu sei."

"Mais do que o normal, Oraya."

"Eu sei."

Tomei um gole de água do meu cantil, de costas para ele. Em vez disso, meus olhos traçaram os afrescos na parede – belas e terríveis pinturas retratando vampiros com dentes de navalha se contorcendo em um mar de sangue sob estrelas prateadas. O arranjo se estendia por toda a sala. Este ringue de treinamento privado era reservado para Vincent e seus guerreiros de mais alto escalão, e era mais repugnantemente ornamentado do que qualquer lugar destinado a cuspir, sangue e suor deveria ser. O chão era de areia macia de marfim substituída pelas dunas toda semana. O afresco cobria as paredes circulares sem janelas — um único quadro panorâmico de morte e conquista.

As figuras retratadas nele eram vampiros Hiaj, com asas de morcego variando em tons de pálido leitoso a preto acinzentado. Duzentos anos atrás, essas asas teriam sido as asas emplumadas dos Rishan, o clã rival Nightborn lutando perpetuamente pelo trono da House of Night. Desde que a deusa Nyaxia criou os vampiros há mais de dois mil anos - desde antes disso, alguns até afirmaram - as duas seitas travaram uma guerra constante. E a cada curva

a maré, cada nova linhagem no trono, esse afresco mudaria - asas pintadas e apagadas, pintadas e apagadas, dezenas de vezes ao longo de milhares de anos.

Olhei por cima do ombro para Vincent. Ele havia deixado as asas de fora, o que era raro. Normalmente ele os afastava com sua magia, a menos que fosse algum evento diplomático que exigisse que ele ostentasse seu poder Hiaj. Eles eram longos o suficiente para que as pontas quase roçassem o chão, e pretos - tão pretos que desafiavam a natureza, como se a luz penetrasse em sua pele e morresse ali. Mas ainda mais impressionantes eram as estrias vermelhas. Carmesim escorria por suas asas como riachos de água, acumulando-se nas bordas e em cada ponta pontiaguda. Quando as asas de Vincent foram abertas, elas pareciam ter contornos de sangue, vívidas o suficiente para cortar até mesmo a escuridão mais implacável.

O preto era incomum, mas não inédito. O vermelho, porém, era único. Cada Herdeiro Hiaj ou Rishan carregava duas marcas - vermelhas em suas asas e outra em seu corpo - que apareciam quando o Herdeiro anterior morria. A Marca de Vincent estava na base de sua garganta, logo acima de sua clavícula. Era um desenho hipnotizante e ornamentado que lembrava uma lua cheia e asas, envolvendo a frente de seu pescoço em carmesim tão vibrante quanto uma ferida sangrando. Eu só tinha visto isso algumas vezes. Ele geralmente o cobria sob jaquetas de gola alta ou seda preta amarrada e apertada em volta do pescoço.

Quando eu era mais jovem, uma vez perguntei a ele por que ele não o deixava visível com mais frequência. Ele apenas me lançou um olhar sério e comentou suavemente que não era prudente deixar a garganta exposta.

Essa resposta não deveria ter me surpreendido. Vincent estava bem ciente de que usurpadores espreitavam em cada esquina, tanto fora de seus muros quanto dentro deles. Cada novo rei, Hiaj ou Rishan, era coroado sobre uma montanha de cadáveres. Ele não foi exceção.

Eu me afastei da pintura, assim que ele disse suavemente, "Está se aproximando da lua cheia. Você deve ter mais alguns dias, mas pode começar a qualquer momento. Você precisa estar pronto."

Engoli outro gole de água. Ainda assim, minha boca tinha gosto de cinza. "Eu sei."

"O começo pode ser qualquer coisa. Ela gosta que seja... inesperado.

*Ela.* Mãe da noite, sombra, sangue — mãe de todos os vampiros. A deusa, Nyaxia.

A qualquer momento, ela poderia desencadear o início do tributo único no século que a House of Night encenou em sua homenagem. Um torneio selvagem de cinco tentativas ao longo de quatro meses, resultando em apenas um vencedor e concedendo o prêmio mais precioso que o mundo já conheceu: um único presente da própria Deusa.

Vampiros de Obitraes viajavam para participar do Kejari, atraídos pela promessa de riqueza ou honra. Dezenas dos guerreiros mais poderosos

de todas as três casas - a House of Night, a House of Shadow e a House of Blood - morreriam em busca desse título.

E, muito provavelmente, eu também.

Mas eles estavam lutando pelo poder. Eu estava lutando pela sobrevivência.

Vincent e eu viramos um para o outro ao mesmo tempo. Ele sempre foi pálido, sua pele quase combinando com seus olhos prateados, mas agora ele parecia um tom completamente doentio.

Seu medo tornava o meu insuportável, mas lutei contra ele com uma promessa. Não. Eu tinha treinado toda a minha vida para isso. Eu sobreviveria ao Kejari. eu iria ganhar.

Assim como Vincent tinha antes de mim, duzentos anos atrás.

Ele limpou a garganta, endireitando-se. "Vá vestir algo decente. Vamos olhar para a sua concorrência."

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trad Crowns Of Nyaxia 01 The Serpent A..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).